

Olá a todos, me chamo Keila Felício Iaparrá, do povo Palikur-Arukwayene, tenho 20 anos. Este é meu segundo relato, no meu primeiro relato tinha dito sobre a minha preocupação e medo que a doença chegasse na minha aldeia, mas não sabia que já tinha chegado. Quando ocorreu vários casos de gripe na aldeia pensávamos que era uma gripe diferente, pois queríamos acreditar que não fosse esse vírus que fez o mundo parar. Muitos Palikur não queriam acreditar que a tal gripe fosse o coronavírus, mas, infelizmente, era sim o COVID-19. Quando anunciaram no Oiapoque que uma mulher Palikur tinha morrido vítima do COVID-19 muitos do meu povo se recusaram a acreditar que ela tinha morrido por causa dessa doença, demorou para o povo cair em si.

Na minha casa as primeiras pessoas que apresentaram os sintomas foram as crianças, a filha da minha sogra ficou com febre, depois o filho do meu cunhado e, depois, ele também apresentou os primeiros sintomas. Ele acordou de manhã com febre e dor de cabeça e, mais tarde, perdeu o paladar e o olfato, também teve dores por todo o corpo. Estávamos desconfiando que poderia ser coronavírus, pois as crianças tinham ficado com febre de repente, mas foi somente uma semana que apresentaram os sintomas, como se elas estivessem gripadas. Depois foi meu marido... Ele tinha acordado mal pois estava com febre e com muita dor de cabeça, ainda bem que minha sogra preparava de manhã, tarde e à noite o chá de folha de limão, tangerina, gengibre, alho e mel para eles tomarem todos os dias. Esse chá fez com que todos melhorassem, mas tinha vários outros cuidados que tínhamos que tomar, como não beber água gelada, tomar banho antes das 18 horas, porque não queríamos correr o risco que a gripe piorasse. Algumas pessoas disseram que quando a gente toma banho à noite a gripe piora, que não conseguíamos respirar direito, além de sentir muita fraqueza, por isso tomamos muito cuidado.

Eu não tinha pegado covid ainda, fiquei feliz pois todos ficaram doentes menos eu e o meu sogro. Quando eu estava me preparando para apresentar um trabalho em um evento online, que era o II Encontro de Saberes Indígenas do Semiárido, amanchei muito mal, tinha fraqueza, além de ter muita dor de barriga, estava com diarreia, tive muitas náuseas. No primeiro dia pensei que era só diarreia, mas depois apresentei os mesmos sintomas dos outros, meu corpo ficava todo dolorido, parecia até que eu tinha saído de um trabalho bem duro, fiquei com febre e com muita dor de cabeça. Não podia tomar remédio para dor de cabeça pois tinha ibuprofeno, tinha medo que fosse o COVID e tinha visto no jornal que não podia tomar remédio com essa substância pois agravava mais a doença. Tive que falar com minha tutora do PET, pois não tinha condições de apresentar o trabalho, não podia ficar online até de noite, pois assim a minha garganta doía como se tivesse engolido uma espinha de peixe, ou como se tivéssemos com uma ferida enorme, doía demais quando ia tomar água e comer.

Tivemos que cancelar a apresentação que eu faria no evento, eu não podia ficar à noite no sereno, acessando a internet na escola da aldeia, que é longe de casa. Na aldeia a internet só fica melhor após as 21 horas, durante o dia não temos internet, e nem energia, somente quando liga o motor da aldeia. Demorou muito para eu melhorar, principalmente a dor de garganta e a febre que ocorria todas as noites. Por vários dias tomei o chá caseiro, que me ajudou muito no tratamento, pois a nossa única arma para tratar essa doença era o chá, ele ajudou várias pessoas que ficaram muito doentes, mas que quando tomavam o chá diziam que começavam a melhorar. Os mais velhos é que ficavam mais fracos, mas os filhos, netos e outras pessoas ajudavam fazendo chá para eles. Nós perdemos uma senhora vítima do COVID na minha aldeia, o estado dela tinha piorado muito, só recebi a notícia à noite. Depois da morte da senhora muitas famílias tiveram que tomar medidas para que os doentes não tomassem banho à noite, ainda mais os velhos, porque tinham mais risco de perder a vida para essa doença. Contudo, tivemos muita esperança que o vírus não matasse tantas pessoas na aldeia, confiamos nos conhecimentos tradicionais. Tivemos medo de levar pessoas doentes para o hospital de Oiapoque, não tivemos confiança dos cuidados dos não indígenas pois não sabíamos como o doente estava sendo tratado, queríamos tratar na aldeia mesmo, porque por mais medo que tivéssemos do vírus e mais contagioso que fosse, não queríamos abandonar o próximo, por isso as famílias cuidavam dos seus doentes e, por conta disso, graças a Deus, ninguém morreu mais, com exceção das duas mulheres que faleceram por conta do COVID. Desejo que tudo isso passe logo, vamos passar por esse desafio juntos, vamos seguir mantendo a nossa fé e não vamos abandonar o próximo.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil

22 de julho de 2020.

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Salut à tous, je m'appelle Keila Felício Iaparrá, du peuple Palikur-Arukwayene, j'ai 20 ans. Ceci est mon second récit, dans mon premier récit, j'ai eu à parler par rapport à ma préoccupation et peur que la maladie arrive dans mon village, mais je ne savais pas qu'elle était déjà arrivée.

Quand plusieurs cas de grippe sont apparus dans le village, nous avons pensé que c'était une grippe différente, parce que nous voulions croire que ce n'était pas ce virus qui a fait le monde s'arrêter. Beaucoup de Palikur ne voulaient pas croire que cette grippe était le coronavirus, mais malheureusement, c'était effectivement le Covid-19. Quand ils ont annoncé à Oiapoque que une femme Palikur était morte victime du Covid-19, beaucoup de personnes de mon peuple ont refusé de croire qu'elle était morte à cause de cette maladie, cela a prit du temps pour que le peuple y croit.

Dans ma maison, les premières personnes qui ont présenté les symptômes étaient les enfants, la fille de ma belle-mère avait de la fièvre, après le fils de mon beau-frère et, après, lui aussi a eu les premiers symptômes. Il s'est réveillé le matin avec la fièvre et des maux de tête et, plus tard, a perdu le goût et l'odorat, il a eu aussi des douleurs au niveau de tout le corps. Nous étions méfiants que cela pouvait être le coronavirus, parce que les enfants avaient aussi la fièvre, mais ce fut seulement durant une semaine qu'ils ont présenté les symptômes, comme s'ils étaient grippés. Après ce fut mon mari.... Il s'était mal réveillé parce qu'il avait la fièvre et très mal à la tête, heureusement que ma belle-mère préparait le matin, le soir et la nuit le thé de feuilles de citron, mandarine, gingembre, ail et miel pour qu'ils en prennent tous les jours. Ce thé a fait que leur santé à tous s'est améliorée, mais il y avait plusieurs autres précautions que nous avons dû prendre, comme ne pas boire de l'eau glacée, prendre le bain avant 18 heures, parce que nous ne voulions pas prendre le risque que la grippe s'empire. Certaines personnes ont dit que quand nous prenons le bain la nuit, la grippe s'empire, qu'ils n'arrivent pas à bien respirer, en plus de sentir beaucoup de faiblesse, c'est pourquoi nous avons pris beaucoup de précautions.

Je n'avais pas encore eu le covid, j'étais contente parce que tous étaient malades sauf moi et mon beau-père. Quand je me préparais pour présenter un travail à un évènement en ligne, qui était le II Rencontre de Savoirs Indigènes du Séminaire, je me suis réveillée très mal, j'étais faible, en plus d'avoir beaucoup de maux de ventre, j'avais la diarrhée, j'avais beaucoup de nausées. Le premier jour j'ai pensé que c'était seulement la diarrhée, mais après j'ai présenté les mêmes symptômes que les autres, mon corps était tout douloureux, c'était comme si j'étais sortie d'un travail bien dur, j'avais la fièvre et beaucoup de maux de tête. Je ne pouvais prendre de remède pour les maux de tête parce que j'avais ibuprofène, j'avais peur que c'était le Covid et j'avais vu au journal qu'on ne pouvait prendre de médicament avec cette substance parce que cela aggravait encore plus la maladie. J'ai dû parler avec ma tutrice du PET, parce que je n'avais pas les conditions de présenter le travail, je ne pouvais pas rester en ligne jusqu'à la nuit, parce que ainsi ma gorge me faisait mal comme si j'avais avalé une arrête de poisson, ou comme si j'avais une blessure énorme, ça faisait encore plus mal quand j'allais boire de l'eau et manger.

Nous avons dû annuler la présentation que j'allais faire à l'évènement, je ne pouvais pas rester la nuit sereine accessant l'internet de l'école du village, qui est loin de la maison. Dans le village l'internet est meilleur que après 21 heures, durant le jour nous n'avons pas internet, et même pas d'énergie, seulement quand le moteur du village est allumé. Cela a duré pour que ma santé s'améliore, principalement le mal de gorge et la fièvre que j'avais toutes les nuits. Pendant plusieurs jours, j'ai bu le thé maison, qui m'a beaucoup aidé dans le traitement, parce que notre unique arme pour traiter cette maladie était le thé, il a aidé beaucoup de personnes qui étaient très malades, quand ils buvaient le thé, ils disaient que ça commençait à s'améliorer. Ce sont les plus vieux qui étaient très faibles, mais les fils, petits-fils et autres personnes aidaient en faisant le thé pour eux. Nous avons perdu une dame victime du Covid dans mon village, son état avait beaucoup empiré, j'ai reçu la nouvelle seulement que la nuit. Après la mort de la dame beaucoup de familles ont dû prendre des mesures pour que les malades ne prennent pas le bain la nuit, surtout les plus vieux, parce qu'ils avaient plus de risque de perdre la vie par cette maladie. Malgré tout, nous avons eu l'espérance que le virus ne tue pas tant de personnes dans le village, nous avons eu confiance en nos connaissances traditionnelles. Nous avions peur d'amener les personnes malades à l'hôpital de Oiapoque, nous n'avions pas confiance aux soins des non-indigènes parce que nous ne savions pas comment le malade était traité, nous voulions traiter dans le village même, parce que malgré la peur que nous avions du virus et plus contagieux qu'il était, nous ne voulions pas abandonner le prochain, c'est pour cela que les familles prenaient soin de leurs malades et, c'est pour ça grâce à Dieu, personne n'est plus mort, à l'exception des deux femmes qui sont mortes pour cause du Covid. Je souhaite que tout ceci passe rapidement, nous allons passer par ce défi ensemble, nous allons continuer en gardant notre foi et nous n'allons pas abandonné le prochain.

Village Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brésil

22 Juillet 2020

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Hi everyone, my name is Keila Felício Iaparrá, from the Palikur-Arukwayene people, I am 20 years old. This is my second story, in my first story I had to speak out of my concern and fear that the disease would come to my village, but I didn't know it had already happened. When several cases of the flu appeared in the village, we thought it was a different flu, because we wanted to believe that it was not this virus that made the world stop. Many Palikur didn't want to believe this flu was the coronavirus, but unfortunately it was indeed the Covid-19. When they announced to Oiapoque that a Palikur woman had died victim of Covid-19, many of my people refused to believe that she was dead because of this disease, it took a long time for the people to believe it.

In my house, the first people who presented the symptoms were the children, my mother-in-law's daughter had a fever, after my brother-in-law's son and afterwards he too had the first symptoms. He woke up in the morning with a fever and a headache and later lost his taste and smell, he also had pain all over his body. We were suspicious that it could be the coronavirus, because the children also had a fever, but it was only for a week that they presented the symptoms, as if they had the flu. After that it was my husband He had awakened badly because he had a fever and a very bad headache, luckily my mother-in-law prepared the morning, evening and night tea with tangerine, ginger, garlic and honey for them to take every day. This tea made everyone's health improved, but there were several other precautions we had to take, like not drinking ice water, taking a bath before 6 p.m., because we didn't want to take the risk of the flu getting worse.

Some people have said that when we bathe at night the flu gets worse, that they can't breathe well, feeling a lot of weakness, that's why we took so much care. I hadn't had the covid yet, I was happy because everyone was sick except me and my stepfather. When I was preparing to present a work at an online event, which was the II Meeting of Indigenous Knowledge of the Seminar, I woke up very badly, I was weak, in addition to having a lot of stomach aches, I had diarrhea, was very nauseous. The first day I thought it was only diarrhea, but after I had the symptoms as the others, my body was all in pain, it was as if I had come out of a very hard job, I had a fever and a lot of headaches. I couldn't take a cure for the headaches because I had ibuprofen, I was afraid it was Covid and I saw in the newspaper that you couldn't take medication with this substance because it made it worse even more disease. I had to speak with my PET tutor, because I didn't have the conditions to present the job, I couldn't stay on the line until the night, because my throat was aching as if I swallowed fish bone, or like I had a huge wound, it hurt even more when I went to drink water and eat. We had to cancel the presentation I was going to give at the event, I couldn't stay the night serene accessing the internet at the village school, which is far from home. In the village the internet is better than after 9 pm, during the day we have no internet, and even no power, only when the village engine is on. It lasted for my health to improve, mainly the sore throat and fever I had every night. For several days I drank the homemade tea, which helped me a lot in the treatment, because our only weapon to treat this disease was the tea, it helped a lot of people who were very sick, when they drank the tea, they said it was starting to get better. It was the older ones who were very weak, but the sons, little sons, and others helped by making tea for them. We lost a lady victim of Covid in my village, her condition had worsened a lot, I only received the news at night. After the death of the lady, many families had to take measures to prevent the sick from bathing at night, especially the older ones, because they were at greater risk of dying from this disease. Despite everything, we had hope that the virus did not kill so many people in the village, we trusted in our traditional knowledge.

We were afraid to bring sick people to Oiapoque hospital, we did not trust the care of no indigenous because we did not know how the sick was being treated, we wanted to treat in the village itself, because despite our fear of the virus and more contagious than it was, we did not want to abandon the next one, that is why families took care of their sick and, that is why I hope God, no one died any more, except for the two women who died for cause of the Covid. I hope this will all pass quickly, we are going to go through this challenge together, we are going to carry on keeping our faith and we are not going to give up on the next one.

Village Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brazil

July 22, 2020

Translated by Johnson Morancy

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Hola a todos, me llamo Keila Felício Iaparrá, del pueblo Palikur-Arukwayene, tengo 20 años. Este es mi segundo informe, en mi primer relato había compartido sobre mi preocupación y miedo de que la enfermedad llegara a mi pueblo, pero no sabía que ya había llegado. Cuando hubo varios casos de gripe en el pueblo pensamos que era una gripe diferente, porque queríamos creer que no fuese ese virus el cual hizo que el mundo se detuviera. Muchos Palikur no querían creer que tal gripe era el Coronavirus, pero desafortunadamente era muy bien Covid-19. Cuando anunciaron en Oiapoque, que una mujer Palikur había muerto víctima de Covid-19 muchos de mi pueblo se negaron a creer que había muerto a causa de esta enfermedad, la gente tardó en volver a sus sentidos.

En mi casa las primeras personas que presentaron los síntomas mostraron los niños, la hija de mi suegra tuvo fiebre, luego el hijo de mi cuñado y luego él también mostró los primeros síntomas. Se despertó por la mañana con fiebre y dolor de cabeza y más tarde perdió el sabor y olor, también tenía dolores por todo el cuerpo. Sospechamos que podía ser Coronavirus, porque los niños de repente tenían fiebre, pero fue sólo una semana que tenían los síntomas, como si tuvieran gripe. Después fue mi marido... Se había despertado mal porque tenía fiebre y mucho dolor de cabeza, afortunadamente de que mi suegra preparaba por la mañana, por la tarde y por la noche el té de hoja de limón, mandarina, jengibre, ajo y miel para tomar todos los días. Este té hizo que todos fueran mejorando, pero había varias otras precauciones que teníamos que tomar, como no beber agua fría, bañarnos antes de las 6 pm, porque no queríamos correr el riesgo de que la gripe empeorara. Algunas personas dijeron que estaban empujando que además de sentir mucha debilidad, así que debemos tener mucho cuidado.

Aún no había sido contagiada por Covid, estaba feliz porque todos se enfermaron excepto mi suegro y yo. Cuando me estaba preparando para presentar un seminario en un evento en línea, que era el II Encuentro de Conocimiento Indígena de los Semiáridos, amanecí muy mal, tenía debilidad, además de tener mucho dolor de estómago, tuve diarrea, tuve muchas náuseas. El primer día pensé que era sólo diarrea, pero luego presenté los mismos síntomas al igual que los otros, mi cuerpo estaba todo dolorido, parecía hasta que había salido de un trabajo muy duro, tenía fiebre y mucho dolor de cabeza. No podía tomar medicamentos para el dolor de cabeza porque tenía ibuprofeno, tenía miedo de que fuera Covid y había visto en la noticia que no podía tomar medicamentos con esa sustancia porque agravaba más la enfermedad. Tuve que hablar con mi tutor de PET (Programa de Educación Tutorial), porque no podía presentar el trabajo, no podía permanecer en línea hasta la noche, porque entonces me dolía la garganta como si me hubieran tragado una espina de pescado, o como si tuviera una herida enorme, me dolía demasiado cuando iba a beber agua y comer.

Tuvimos que cancelar la presentación que haría en el evento, no podía quedarme de noche por causa de la niebla y humedad, accediendo a Internet en la escuela del pueblo, que está lejos de casa. En la aldea el internet sólo mejora después de las 9 pm, durante el día no tenemos internet, y no hay energía, sólo de cuando se enciende el motor del pueblo. Me llevamos mucho mejor, especialmente el dolor de garganta y la fiebre que se presentaba todas las noches. Durante varios días tomé el té caseiro, que me ayudó mucho en el tratamiento, porque nuestra única arma para tratar esta enfermedad era el té, ayudó a varias personas que se enfermaron mucho, pero que cuando tomaron el té dijeron que estaban empujando a mejorar. Los mayores se debilitaron, pero sus hijos, nietos y otras personas ayudaron haciendo té para ellos. Perdimos a una mujer víctima de Covid en mi pueblo, su condición había empeorado mucho, sólo recibí la noticia por la noche. Después de la muerte de la señora, muchas familias tuvieron que tomar medidas para evitar que los enfermos se bañaran por la noche, especialmente los ancianos, porque eran los con mayor riesgo de perder la vida a causa de esta enfermedad. Sin embargo, teníamos mucha esperanza de que el virus no mataría a tanta gente en el pueblo, confiamos en los conocimientos tradicionales. Teníamos miedo de llevar a los enfermos al hospital de Oiapoque, no teníamos confianza en el cuidado de los no indígenas, porque no sabíamos cómo era tratado el paciente, queríamos ser tratados en el mismo pueblo, porque por mayor miedo que teníamos del virus y más contagioso que fuese, no queríamos abandonar al prójimo, por lo que las familias se ocupaban de sus parientes enfermos y, por eso, gracias a Dios, nadie más murió, excepto las dos mujeres que murieron a causa de Covid. Desearía que todo esto pasara pronto, pasaremos por este desafío juntos, seguiremos manteniendo nuestra fe y no abandonaremos al prójimo.

Aldea Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil, 22 de julio de 2020.

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

#OPETNãoPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

